

**Televisão Digital:
novos meios, novas narrativas**

Rosimeire Aparecida PANDO¹
João Baptista WINCK²

Resumo

Grandes mudanças de ordem tecnológica e social colaboraram para a transformação na forma de comunicação do homem ao longo da história, que compartilha informações e transforma conceitos através de novos meios e novas narrativas, construindo e reconstruindo informações. O compartilhamento desses novos conteúdos vem colaborar na divulgação de diversidades culturais e regionais de todo o país fazendo jus a um dos objetivos da televisão digital que é a democratização da informação e do conhecimento.

Palavras-chave: Comunicação. Informação. Tecnologia. Convergência. Educação.

1 . Novos meios, novas narrativas

O vertiginoso desenvolvimento tecnológico, associado aos processos de globalização da economia e internacionalização da cultura, vem modificando os meios e modos com os quais a sociedade contemporânea gere e opera as trocas de informação e mensagens. A evolução do Ocidente em particular é pautada pela invenção de objetos, sistemas, linguagens, teorias, ciência, arte e tecnologias as quais têm alterado constantemente a configuração das relações entre natureza e as culturas. As redes virtuais, implantadas pelas tecnologias de informação e comunicação, segundo Barbosa e Castro (2008), convergem para uma “nova ordem tecnológica”, cuja essência é a possibilidade de construção coletiva de conteúdos e conhecimento, difundindo informação por diferentes plataformas tecnológicas e suportes linguageiros.

¹ Mestranda em Televisão Digital - Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho
UNESP – Bauru

² Doutor em Comunicação e Semiótica – Universidade Estadual Julio de Mesquita
Filho - UNESP - Bauru-SP

Equipamentos digitais com capacidade audiovisual como laptops, ipods, palms, celulares, i-fones e seus periféricos, vêm sendo pautados pela convergência, isto é, por meio de uma sintaxe comum desprovida de semântica. A linguagem digital permite que os indivíduos acessem ao ilimitado banco de dados de informação, chamado de ciberespaço, usando um mesmo aparelho, capaz de decodificar de forma simultânea qualquer linguagem, seja sonora, textual ou audiovisual etc., compartilhada em rede de aparelhos interconectados.

Recentemente surgiram novos canais de articulação de pensamento (como em filmes e TV), e o pensamento ocidental está aproveitando cada vez mais esses novos meios. Eles impõem ao pensamento uma estrutura radicalmente nova uma vez que representam o mundo por meio de imagens em movimento. Isso estabelece um estar-no-mundo pós-histórico para aqueles que produzem e usufruem desses novos meios. De certa forma pode-se dizer que esses novos canais incorporam as linhas escritas na tela, elevando o tempo histórico linear das linhas escritas ao nível da superfície.

Se isso for verdade, podemos admitir que atualmente o “pensamento-em-superfície” vem absorvendo o “pensamento-em-linha”, ou pelo menos vem aprendendo como produzi-lo. E isso representa uma mudança radical no ambiente, nos padrões de comportamento e em toda a estrutura de nossa civilização. Essa mudança na estrutura de nosso pensamento é um aspecto importante da crise atual. (FLUSSER, 2007, p.110)

Essa Nova Ordem Tecnológica deve estar a serviço da democratização da comunicação, da informação e da socialização do conhecimento. Portanto faz-se necessária a pluralidade de fontes e canais de informação em larga escala que não cumpram apenas as funções sociais a eles destinados atualmente. É necessária a apropriação dos meios de comunicação pelos consumidores, no sentido de inserção do usuário dos serviços na condição de co-autores, difusores e agentes transformadores das diferentes culturas que eles compõem. Dessa maneira, os meios de comunicação multimídia no geral e a TV digital no particular, podem ser compreendidos como produtos de conteúdo educativo estendido, no sentido que McLuhan propôs: o meio é a mensagem, podem garantir um aprendizado significativo desde o momento em que é planejado e que haja a apropriação desse conhecimento pelo indivíduo produtor.

Um dos grandes desafios dos roteiristas audiovisuais é enfrentar o conflito na combinação dos elementos das diferentes formas de narrativa, considerando a

possibilidade de que os envolvidos na comunicação sejam, ao mesmo tempo, emissores e receptores das mensagens. (Winck, 2007)

2. A Televisão Digital no Brasil

Desde o surgimento da televisão no Brasil, com seu primeiro canal, a TV Tupi em 1950, muita coisa mudou. Gradativamente, o número de canais foi aumentando, a imagem que antes era em preto e branco se tornou colorida, vieram os canais a cabo, o controle remoto e, muito recentemente, a digitalização de toda a produção televisiva. Tal desenvolvimento tecnológico fez com que as imagens, a edição e a transmissão passassem do processo analógico para o digital, assim como ocorreu com outros aparelhos eletrônicos, como as máquinas fotográficas e a telefonia.

O assunto começou a ser discutido ainda no governo Fernando Collor (1990-92), mas foi com o Decreto nº 4.901, assinado em 2003 pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, que foi instituído o Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre (SBTV-T). O sistema objetiva a geração de tecnologias nacionais e a promoção da inclusão digital, entre outros. Posteriormente, em 2006, assina o Decreto nº 5.820, criando o Fórum do SBTVD- T, normatizando e padronizando o desenvolvimento do sistema. Esse decreto estabelece o ano de 2013 como o prazo para a cobertura digital em todo país, e o ano de 2016 a data limite para o término das transmissões analógicas. Prevê, ainda, que no final desse prazo cerca de 90% da população tenham acesso ao sinal digital em todo o território nacional.

Dentre os padrões de televisão digital existentes no mundo, o modelo escolhido pelo Brasil foi o japonês (ISDB-T – Integrated Services Digital Broadcasting Terrestrial), que, segundo Ribeiro (2004, p.35), é o único que permite a recepção móvel, através de aparelhos portáteis e pode ser acrescido de novas tecnologias desenvolvidas no Brasil. Ele tem, entre os objetivos instituídos, o de promover a inclusão social, fomentar a diversidade cultural do país, por meio do acesso à tecnologia digital, visando à democratização da informação.

A televisão digital brasileira está implantada com os recursos tecnológicos da multiprogramação e da interatividade. O primeiro recurso permitirá a ampliação da

transmissão para quatro ou seis canais de TV pública como o canal da cidadania, da educação, do poder público e canal da cultura, relacionados diretamente ao processo de democratização. O segundo trará a possibilidade de o telespectador interagir com outros telespectadores por meio de uma nova opção: o canal de retorno.

A interatividade sugere troca de informações e deverá ser prioridade na televisão digital pública. Barbosa Filho e Castro (2008) destacaram que as emissoras comerciais não implantarão agora a multiprogramação, porque não há interesse dos anunciantes, tampouco um modelo de negócios solidamente desenvolvido. Ainda podemos falar em convergência de mídias, que Cannito (2010) afirma que:

Não há mais sentido em separar as mídias, tudo é digital e pode ser convertido em suportes diferentes; as empresas não mais se definem como produtoras de uma mídia (revista, internet, televisão e etc.) e sim como produtoras de conteúdos. Provedores de TV por assinatura podem dar acesso à internet de banda larga e empresas de TV aberta podem fazer acordos com provedores para colocar seu conteúdo na Web. Os ramos de comunicação hoje ainda separados serão todos interligados. (CANNITO, 2010).

Segundo dados recentes da Anatel, 87.7 milhões de pessoas (o equivalente a 45,98% da população brasileira) estão cobertos pela TV digital. Ao todo, são 30.7 mil domicílios, em 480 municípios. De acordo com a Agência, a expectativa do governo é de que a cobertura da televisão digital terrestre no Brasil seja igual ou superior à cobertura analógica atual antes mesmo de 2016, isso se tudo correr conforme o previsto³. Segundo Miro Teixeira:

A escolha do padrão brasileiro de TV digital deve atender aos efetivos requisitos de nossa sociedade, considerando o perfil de renda da população e as possibilidades abertas pela interatividade. Como se enfatiza nesta Exposição de Motivos, a televisão digital não é apenas uma evolução tecnológica, mas uma nova plataforma de comunicação, cujos impactos na sociedade ainda estão se delineando. (TEIXEIRA, 2003).

³ ANATEL. <<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortal> Internet> Acessado em 19 jul.2011.

A TV digital estreou na cidade de São Paulo em 02 de dezembro de 2007 e iniciaram-se pesquisas na (UFPB) Universidade Federal da Paraíba em parceria com a PUC do Rio de Janeiro, que são responsáveis pelo desenvolvimento do sistema GINGA, middleware nacional que possibilita a interatividade e dá suporte também à mobilidade.

Por ser uma mídia que adentra os mais de 90% dos lares brasileiros, a televisão vem se concretizar como um importante instrumento tecnológico para a democratização de informações. E a televisão digital, que se condiciona também à inclusão digital, vem dar visibilidade à produção de conteúdos com enfoque nas diversidades culturais e regionais do país. Sendo assim, torna-se uma aliada na importante tarefa da democratização da informação, por meio de programas e conteúdos diversos. A produção de conteúdos pode ser realizada por diferentes dispositivos, inclusive os móveis, e em diferentes plataformas.

Os conteúdos podem ser socializados e acessados através das múltiplas redes sociais que se incrementam e, a cada dia, se tornam uma forma de comunicação atraente, pela facilidade de envio de mensagens audiovisuais em tempo real, pela interatividade e telepresença.

Desta forma, a televisão digital se revela como uma ferramenta poderosa na construção e no compartilhamento de conhecimentos que apontam para o exercício da cidadania. Como sujeito da comunicação e não apenas consumidor, poderá desenvolver ações educativas fortalecedoras de valores que o façam reconhecer seu verdadeiro papel como sujeito e não como objeto. Ao investir na produção de conteúdo regional, que resgate as raízes culturais e preserve a identidade de cada região, a sociedade poderá superar o pressuposto da monocultura. Crocomo (2004) também comenta que o sistema digital poderá romper com a exclusividade de produção de conteúdo por parte das grandes empresas:

[...] começa a ficar visível que a digitalização está tirando a exclusividade de produção de conteúdo das grandes empresas. Produzir vídeos em computadores domésticos e sua integração a internet aponta para uma televisão que poderá receber conteúdo de qualquer parte do mundo, de maneira completamente diferente. (CROCOMO, 2004, p.19).



Figura 1 - Mapa da cobertura da TV digital em setembro de 2011

3. Comunicação em rede: a web 2.0

O termo Web 2.0 foi criado por Sir Dele Dougherty, vice-presidente da empresa de tecnologia O'Reilly Media, que identificou que o termo seria associado à participação do usuário e ao poder de comunicação em massa. A Web passou de uma ferramenta de trabalho de um grupo elitista para uma nova fase, mais social e participativa, com o foco centrado no usuário comum. Pode-se dizer então que seria uma segunda geração de comunidades e serviços, uma nova versão 2.0 da Web, uma plataforma programável e colaborativa (O'REILLY, 2005).

A humanidade vive a era do conhecimento e com ela incessantes inovações tecnológicas surgem a todo o momento. Essa revolução social e tecnológica permite o aparecimento de um novo componente: a rede telemática, que seria o entrelaçamento das informações e de computadores em diversos locais e simultaneamente (ALBINO, 2006). Essa situação permite a troca e o compartilhamento de informações entre usuários em um novo ambiente virtual, o que antes se dava de forma temporal e física. Agora o que temos é a atemporalidade, as redes de interação comunicacionais acontecem em uma nova e atual geografia, resultando em um novo ambiente virtual

chamado ciberespaço, ambiente criado de forma virtual através do uso dos meios de comunicação tecnológicos modernos e atuais, as TICs, destacando-se entre eles a internet (LÈVY,1996) ou, ainda segundo Castells (1999), “virtualidade real”, a transformação das bases materiais da vida: o espaço e o tempo mediante a constituição de um espaço de fluxos e de um tempo atemporal. São desconstruídos valores como tempo-espaço, e ainda segundo Castells, “todos os processos se somam num só processo, em tempo real no planeta inteiro”.

Dentre os principais sistemas de comunicação intermediados por computadores em rede está a World Wide Web (EBERLINK, 1998), ferramenta que permite uma infinidade de possibilidades de comunicação e de informações instantâneas para qualquer usuário. Entre essas ferramentas estão o Skype, MSN, blogs, sites de redes sociais como Orkut, Facebook, Twitter (Figura 1) entre outros, que colocam as pessoas em contato direto em qualquer lugar do planeta e a qualquer momento.

(...) As redes são estruturas abertas, com o potencial de se expandirem sem limites, integrando novos nós desde que sejam capazes de comunicar dentro da rede, nomeadamente desde que partilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objectivos de desempenho). Uma estrutura social com base na rede é um sistema altamente dinâmico e aberto, susceptível de inovar sem ameaçar o seu próprio equilíbrio” (CASTELLS, 1996, p. 469-70).

Atualmente, vem acontecendo uma evolução na maneira de os usuários interagirem. Eles não buscam somente informações, mas também a possibilidade de se construir conhecimento. Desta forma, os aplicativos na Web também acompanharam essa evolução e se moldaram para atender esses novos usuários, tornando-se cada vez mais interativos. Essas novas características foram nomeadas por especialistas de Web 2.0. Onde antes havia informação estática, ou seja, a comunicação era feita de poucos para muitos, agora surgem blogs, home pages, sites, páginas de relacionamento, entre outros, que abordam os mais variados assuntos, que estão abertos à manipulação da informação, como o Wikipédia, que tem como característica a facilidade de se criar e modificar páginas em que todo usuário pode interferir, manipular dados e filtrar informações de seu interesse, colaborando para a construção e reformulação de novos conhecimentos. Isso só é possível pela facilidade de como alguns softwares são

instalados por qualquer usuário e através do seu navegador habitual. Diante desse mercado de inovações e da universalização dos serviços multimídias, deve-se também pensar na inclusão digital, na democratização dessas tecnologias e na formação de novos produtores de conteúdo e novos usuários, para consumirem essas novas tecnologias. Contudo, se faz necessária a pluralidade de fontes e canais de informação de massa que não tenham somente função social no que diz respeito à apropriação das TICs pela população, difundindo o direito da comunicação, da difusão e valorização de diferentes culturas.

4 Educação, televisão digital e o uso de dispositivos móveis

A produção de conteúdos educativos regionais vem ao encontro das necessidades aqui apontadas e, aliada a princípios pedagógicos, torna a televisão digital com a possibilidade de sua multiprogramação uma ferramenta determinante para o compartilhamento de assuntos relacionados por exemplo, ao meio ambiente.

Nas últimas décadas, tem ocorrido um aumento significativo de programas em diversos formatos sobre a temática ambiental. Nesta área, os meios de comunicação tornaram-se um elemento essencial para a consecução de caminhos que levem à solução dos conflitos de interesses políticos e econômicos, tornando-se um fator limitante para o alcance de uma visão globalizada do meio ambiente. É por meio da televisão que as questões ambientais têm chegado ao conhecimento de segmentos da sociedade que nunca tinham tido acesso ao tema. Isso porque, até então, essas informações circulavam basicamente em espaços restritos, na comunidade científica, em seminários e palestras, em publicações especializadas como revistas e livros (Fernandez, 2001). Desta forma, a televisão digital se revela como uma ferramenta poderosa na construção e compartilhamento de conhecimentos que apontem o homem como sujeito principal na tomada de ações educacionais e fortalecedoras de quaisquer objetivos, estimulando a cidadania e o desenvolvimento de valores que o faça reconhecer seu papel na sociedade, sendo fator primordial na democratização de conhecimento e informação, investindo na produção de conteúdo regional, que resgate as raízes culturais e preserve a identidade de cada região.

A comunicação através da imagem sempre foi, simultaneamente, um desafio e uma práxis. A linguagem visual vem acompanhando a evolução do ser humano no decorrer dos séculos, tornando-se cada vez mais complexa e sofisticada, desde as lápides das cavernas até os meios digitais da atualidade. Se a linguagem evoluiu, avançou também a maneira de socializar conhecimento por meio da comunicação. Dondis afirma que “a linguagem é simplesmente um recurso de comunicação próprio do humano, que evoluiu desde sua forma auditiva, pura e primitiva, até a capacidade de significação abstrata e virtual”. E que:

A mesma evolução deve ocorrer com todas as capacidades humanas envolvidas na pré-visualização, no planejamento, no desenho e na criação de objetos visuais, da simples fabricação de ferramentas e dos ofícios até a criação de símbolos, e, finalmente, à criação de imagens, no passado uma prerrogativa exclusiva do artista talentoso e instruído, mas hoje, graças às incríveis possibilidades da câmera, uma opção para qualquer pessoa interessada em aprender um reduzido número de regras mecânicas. (DONDIS, 2007, p. 2).

A primeira tecnologia que mecanizou a linguagem visual foi a fotografia. Com o cinema, as imagens estáticas ganharam movimento com as experiências de Edward Muybridge e, posteriormente, Thomas Edison constrói um aparelho chamado cinetoscópio. Entretanto, o cinematógrafo dos irmãos Lumière dá início oficial à era do cinema e da aventura de construção coletiva da linguagem audiovisual.

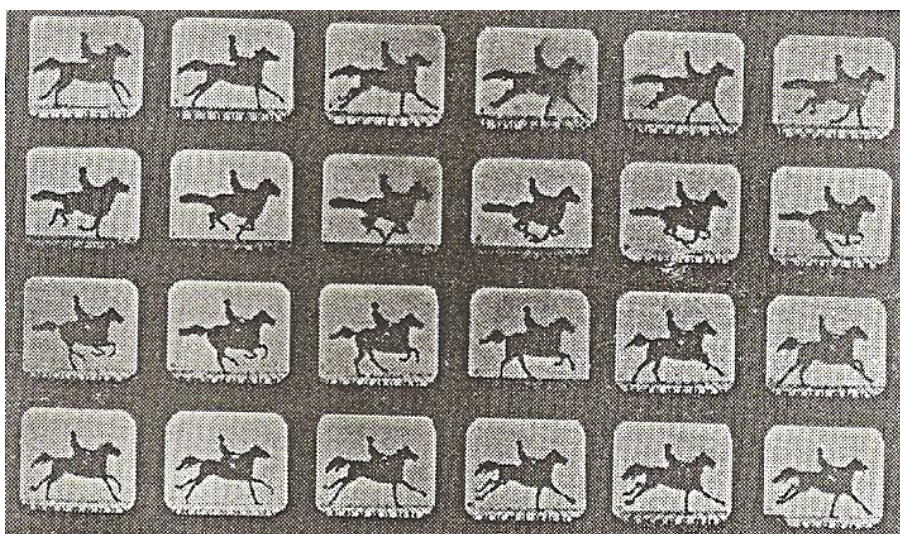


Figura 2 - Experiência de Muybridge – Fonte: A arte do vídeo digital

O desenvolvimento tecnológico concedeu à linguagem audiovisual a dimensão da imagem ao vivo e em cores com a televisão, computadores e atualmente com dispositivos móveis, com resultados imagéticos cujas características narrativas podem nos colocar como protagonistas.

Nos dias atuais, os aparelhos celulares e câmeras digitais fazem parte do cotidiano de grande parcela da população, principalmente jovem, que faz uso desses dispositivos não somente para registros, mas para produzir conteúdos para blogs, sites e mídias alternativas. O impacto do audiovisual digital também tem acarretado grandes mudanças técnicas e comportamentais. Mudou o aspecto de transmissão, da qualidade de imagem, da tecnologia de mídia, do sistema de produção e, sobretudo, do sistema de distribuição de conteúdos e informações. Também os formatos mudaram pelo uso de satélites, cabos, fibras ópticas, integração com a internet e suas redes sociais e pelo uso extensivo de celulares com aplicativos de compartilhamento audiovisual.

Essas novidades, com certeza, se refletem no comportamento da política, da economia e da educação, demandando novas atitudes noutras formas de participação social. Nosso desafio é pensar a televisão digital integrada a esses outros dispositivos digitais móveis, ampliando sua capacidade de comunicação conectada e propondo estratégias de produção de conhecimento compartilhado.

5. Considerações finais

Dentre os objetivos propostos pelo governo federal está a democratização da informação e o acesso a educação, como já dissemos anteriormente. Algumas sugestões foram citadas no livro *Comunicação Digital: Educação, tecnologia e novos comportamentos* de André Barbosa Filho e Cosette Castro (páginas 100,101), entre elas nos interessa : “Na sociedade : ...estímulo à produção de conteúdo midiático em comunidades carentes como espaço de preservação da identidade, ampliação da auto-estima e possível geração de emprego, garantindo espaços onde possam divulgar essa produção” e a nível de políticas públicas: “ o incentivo ao desenvolvimento de uma indústria de conteúdos regional e local para produção de materiais de informação e entretenimento voltados para a convergência digital.”

A relação entre as novas tecnologias, os meios de comunicação e a educação é o viés que se propõe nesse momento. A busca da democratização através dos meios de comunicação passa por um envolvimento com a educação e com seus agentes, que precisam ter um envolvimento maior e perceber e refletir a respeito do quanto poderão contribuir com as práticas pedagógicas o uso dessas novas tecnologias.

Nesse novo processo educacional a televisão digital se torna parceira com a possibilidade da multiprogramação tornando possível o uso simultâneo de até quatro canais partilhando de um mesmo sinal, as programações locais poderão se expandir e buscar validar informações e características no meio cultural regional, fazendo com que a aprendizagem seja mais significativa e que realmente e transforme em conhecimento. Assim nessa evolução das mídias a televisão digital passa a contribuir para um menor distanciamento do público com a informação e a educação, e coloca o usuário como sendo construtor colaborativo, tornando-se emissor e receptor, buscando suas próprias conexões ou redes de acordo com seu interesse e disponibilidade. No entanto a democracia dentro da sociedade da informação somente será possível a partir de ações de inclusão digital, que poderá transformar as relações sociais, aproximando as pessoas, estabelecendo novas redes comunicacionais nem sempre digitais, ampliando a cultura, a informação e o conhecimento, fazendo valer assim direitos fundamentais do homem que são o direito a informação, educação e o exercício da cidadania. Dessa forma a televisão Digital com a possibilidade de portabilidade e convergência midiática é uma das apostas do Ministério das comunicações para a difusão do sinal digital, democratizando o acesso a informação, transformando consumidores em gestores de conhecimento e estreitando a vasta distância entre as muitas regiões no país e suas diferentes classes sociais, consolidando assim todo um processo democrático.

Referências

ALBINO, J. P. **Um estudo sobre a influência da comunicação mediada por computador nas relações sociais**. Revista Comunicação Midiática, v. 5, p. 179-201, 2006.

BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette. **Comunicação digital: educação, tecnologia e novos comportamentos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz. **A televisão brasileira na era digital: exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes**. São Paulo, Paulus, 2007.

BRASIL. Decreto 4901, de 26 de novembro de 2003, Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/decreto/2003/D4901.htm>. Acesso em 16/03/2011.

CPQD. Sistema de TV Digital. Disponível em http://www.cpqd.com.br/ing/historico_tv_digital.pdf > Acesso em 17/03/2011.

CPQD. Sistema de TV Digital. Disponível em http://www.cpqd.com.br/ing/historico_tv_digital.pdf > Acesso em 17/03/2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - A era da informática: economia, sociedade e cultural**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1999.

CANNITO, Newton Guimarães. **A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócios**. São Paulo: Summus, 2010.

CROCOMO, Fernando Antonio. **TV digital e produção interativa: a comunidade recebe e manda notícias**. 2004. 189 f. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção – Área : Mídia e conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2004.

EBERLINK, Ingrid (1998). **Computer-Mediated Communication and it's Possibilities for Education, Research Paper, International Institute for Aerospace Survey and Earth Sciences (ITC)**. Neherlands: University of Twente. April.

FERNANDES, F. A. M. **O papel da mídia na defesa do meio ambiente**. *Revista de Ciências Humanas*. Universidade de Taubaté-UNITAU.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Rafael Cardoso org. Tradução Raquel Abi – Sâmara. São Paulo: Cosac Naify. 2007

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

MCLUHAM, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Ed. Cutlrix, 1996.

O'REILLY 2005 . O'Reilly, Tim. **What is web 2.0, 30/09/2005**. Disponível em: <<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30what-is-web-2.0.html>> Acesso em: 9/12/ 2009.

RIBEIRO, Ângelo. **A TV digital como instrumento para a universalização do conhecimento.** Florianópolis. UFSC, CTC, PPGEF, 2004.

WINCK, João Baptista. **Quem conta um conto aumenta um ponto: design de audiovisual interativo/** João Baptista Winck- Rio de Janeiro: Garamond, 2007.